

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO XIV – Honrai a vosso pai e a vossa mãe

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XIV)

Índice

Capítulo XIV – Honrai a vosso pai e a vossa mãe	03
Piedade filial	03
Amor materno e amor filial	05
Qual o significado de “honrar pai e mãe” para nos que somos filhos e pais nos dias atuais?	07
Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?	09
O Evangelho segundo Mateus	10
A parentela corporal e a parentela espiritual	12
Vida em família e laços de parentesco	13
Instruções dos Espíritos	
A ingratidão dos filhos e os laços de família	15
Escola, pais e filhos; os desafios dos novos tempos	18
Ingratidão dos filhos, como superar	21

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec
Capítulo XIV – Honrai a vosso pai e a vossa mãe

1. Sabeis os mandamentos: não cometereis adultério; não matareis; não roubareis; não prestareis falso testemunho; não fareis agravo a ninguém; honrai a vosso pai e a vossa mãe. (Marcos, 10:19; Lucas, 18:20; Mateus, 19:18 e 19.)

2. Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará. (Decálogo: Êxodo, 20:12.)

1. Piedade filial.

3. O mandamento: “Honrai a vosso pai e a vossa mãe” é um corolário da lei geral da caridade e de amor ao próximo, visto que não pode amar o seu próximo aquele que não ama a seu pai e a sua mãe; mas o termo honrai encerra um dever a mais para com eles: o da piedade filial.

Quis Deus mostrar por esse forma que ao amor se devem juntar o respeito, as atenções, a submissão e a condescendência, o que envolve a obrigação de cumprir-se para com eles, de modo ainda mais rigoroso, tudo o que a caridade ordena relativamente ao próximo em geral. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que fazem as vezes de pai e de mãe, as quais tanto maior mérito têm, quanto menos obrigatório é para elas o devotamento.

Deus puno sempre com rigor toda violação desse mandamento.

Honrar a seu pai e a sua mãe não consiste apenas em respeitá-los; é também assisti-los na necessidade; é proporcionar-lhes repouso na velhice; e cercá-los de cuidados como eles fizeram conosco na infância.

Sobretudo para com os pais sem recursos é que se demonstra a verdadeira piedade filial. Obedecendo a esse mandamento os que julgam fazer grande coisa porque dão a seus pais o estritamente necessário para não morrerem de fome, enquanto eles de nada se privam, atirando-os para os cômodos mais ínfimos da casa, apenas por não os deixar na rua, reservando para si o que há de melhor, de mais confortável? Ainda bem quando não o fazem de má vontade e não os obrigam a comprar caro o que lhes resta a viver, descarregando sobre eles o peso do governo da casa! Será então aos pais velhos e fracos que cabe servir os filhos jovens e fortes? Ter-lhes-á a mãe vendido o leite quando os amamentava? Contou por ventura, suas vigílias, quando eles estavam doentes, os passos que deram para lhes obter o de que necessitavam? Não, os filhos não devem e seus pais pobres só o estritamente necessário, devem-lhes também, na medida do que puderem, os pequenos nada supérfluos, as solitudes, os cuidados amáveis, que são apenas o juro do que receberam, o pagamento de uma dívida sagrada. Unicamente essa é a piedade filial grata a Deus.

Ai, pois, daquele que olvida o que deve aos que o ampararam em sua fraqueza, que com a vida material lhe deram a vida moral, que muitas vezes se impuseram duras privações para lhe garantir o bem-estar. Ai do ingrato: será punido com a ingratidão e o abandono; será ferido nas suas mais caras afeições, algumas vezes já na existência atual, mas, com certeza noutra, em que sofrerá o que houver feito aos outros.

Alguns pais, é certo, descuram de seus deveres e não são para os filhos o que deviam ser; mas a Deus é que compete puni-los e não a seus filhos. Não compete a estes censurá-los, porque talvez hajam merecido que aqueles fossem quais se mostram. Se a lei da caridade manda se pague o mal com o bem, se seja indulgente para as imperfeições de outrem, se não diga mal do próximo, se lhe esqueçam e perdoem os agravos, se ame até os inimigos, quão maiores não hão de ser essas obrigações, tratando-se de filhos para com os pais! Devem, pois, os filhos tomar como regra de conduta para com seus pais todos os preceitos de Jesus concernentes ao próximo e ter presente que todo procedimento censurável, com relação aos estranhos, ainda mais censurável se torna relativamente aos pais; e que o que talvez não passe de simples falta, no

CAPÍTULO XIV – HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

primeiro caso, pode ser considerado um crime, no segundo, porque, aqui, à falta de caridade se junta a ingratidão.

4. Deus disse: “Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.” Por que promete Ele como recompensa a vida na Terra e não a vida celeste? A explicação se encontra nestas palavras: “que Deus vos dará”, as quais, suprimidas na moderna fórmula do Decálogo, lhe alteram o sentido. Para compreendermos aqueles dizeres, temos de nos reportar à situação e às ideias dos hebreus naquela época. Eles ainda nada sabiam da vida futura, não lhes indo a visão além da vida corpórea. Tinham, pois, de ser impressionados mais pelo que viam, do que pelo que não viam. Fala-lhes Deus então numa linguagem que lhes estava mais ao alcance e, como se se dirigisse a crianças, põe-lhes em perspectiva o que os pode satisfazer. Achavam-se eles ainda no deserto; a terra que Deus lhes dará é a Terra da Promissão, objetivo das suas aspirações. Nada mais desejavam do que isso; Deus lhes diz que viverão nela longo tempo, isto é, que a possuirão por longo tempo, se observarem seus mandamentos. No entanto, ao verificar-se o advento de Jesus, eles já tinham mais desenvolvidas suas ideias. Chegada a ocasião de receberem alimentação menos grosseira, o mesmo Jesus os inicia na vida espiritual, dizendo: “Meu reino não é deste mundo; lá, e não na Terra, é que recebereis a recompensa das vossas boas obras.” A estas palavras, a Terra Prometida deixa de ser material, transformando-se numa pátria celeste. Por isso, quando os chama à observância daquele mandamento: “Honrai a vosso pai e a vossa mãe”, já não é a Terra que lhes promete, e sim o céu. (Caps. II e III.)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 143 – 31/01/2010

O Consolador – (Thiago Bernardes)

I. Piedade filial

Amor materno e amor filial

A missão materna nem sempre é um mar de rosas

1. O coração materno é, na expressão de um Espírito amigo, **“uma taça de amor em que a vida se manifesta no mundo”**, mas grave é o ofício da verdadeira maternidade. **“Levantam-se monumentos de progresso entre os homens e devemos-los, em grande parte, às mães abnegadas e justas, mas erguem-se penitenciárias sombrias e devemos-las, na mesma proporção, às mães indiferentes e criminosas”**, assevera:

(Sebastiana Pires, em “Luz no Lar”, cap. 3, pág. 15.)

2. Ensina o Espiritismo que a Natureza deu à mãe o amor a seus filhos no interesse da conservação deles. Entre os animais, esse amor se limita às necessidades materiais e cessa quando desnecessários se tornam os cuidados. No homem, ele persiste pela vida inteira e comporta um devotamento e uma abnegação que são virtudes, sobrevivendo mesmo à morte e acompanhando o filho até no além-túmulo.

3. Não se deduza do fato de estar o amor maternal nas leis da natureza que a missão materna seja sempre um mar de rosas, porque não o é. Trata-se, em verdade, de tarefa espinhosa em que a renúncia e as lágrimas fazem morada.

4. Não é difícil entender por que isso se dá. É que habitualmente renascem juntas, sob os laços da consanguinidade, pessoas que ainda não acertaram as rodas do entendimento no carro da evolução, a fim de trabalharem sobre as arestas que lhes impedem a harmonia. Jungidos à máquina das convenções respeitáveis, no instituto familiar, caminham lado a lado, sob o aguilhão da responsabilidade e da convivência compulsória, para sanarem velhas feridas.

5. Existem pais que não toleram os filhos e mães que se voltam contra os próprios descendentes, tanto quanto há filhos que se revelam inimigos de seus genitores e irmãos que se exterminam dentro do magnetismo degenerado da antipatia congênita.

Desde cedo deve a mãe preparar seus filhos para a vida

6. A missão materna reveste-se, portanto, de encargos sublimes, sobretudo nos lares onde Espíritos antagonicos, quando não inimigos, se encontram temporariamente unidos pelos laços do parentesco. A maternidade exige e desenvolve a sensibilidade, a ternura, a paciência, aumentando a capacidade de amar na mulher.

7. No ambiente doméstico, o coração maternal deve ser o expoente divino de toda a compreensão espiritual e de todos os sacrifícios pela paz da família. A missão materna consiste em dar sempre ao filho o amor que flui de Deus, porque antes de tudo sabemos que nossos filhos são, primeiramente, filhos de Deus.

8. Desde a infância, compete à mãe prepará-los para o trabalho e para a luta que os espera. Desde os primeiros anos, deve ensinar a criança a fugir do abismo da liberdade, controlando-lhe as atitudes e consertando-lhe as posições mentais, porque essa é a ocasião mais propícia à edificação das bases de uma vida.

9. Ensinará a tolerância mais pura, mas não desdenhará a energia quando necessária. Sacrificar-se-á de todos os modos ao seu alcance pela paz dos filhos, ensinando-lhes que toda dor é respeitável, que todo trabalho edificante é divino e que todo desperdício é falta grave.

10. Ensinar-lhes-á o respeito pelo infortúnio alheio. Será ela no lar o bom conselho sem parcialidade, o estímulo ao trabalho e a fonte de harmonia para todos. Buscará, enfim, na piedosa mãe de Jesus o símbolo das virtudes cristãs.

A família é o núcleo de maior importância na sociedade

CAPÍTULO XIV – HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

11. Com relação ao amor filial, é imperioso lembrar que o mandamento “Honrai vosso pai e vossa mãe” é um corolário da lei geral de caridade e de amor ao próximo, conquanto o termo “**honrai**” encerre um dever a mais – o da piedade filial. Honrar pai e mãe não consiste apenas em respeitá-los, mas também assisti-los na necessidade, proporcionar-lhes repouso na velhice, cercá-los de cuidados tal como fizeram eles com os filhos durante a infância.

12. Duas causas determinam basicamente a ingratidão dos filhos para com os pais: umas se devem às imperfeições dos filhos; outras resultam de falhas cometidas pelos próprios pais. Com efeito, muitos pais, despreparados para o ministério familiar, cometem erros graves que podem influir consideravelmente no comportamento da prole, que então, conforme o seu caráter, se rebela contra aqueles, crucificando-os nas traves ásperas da ingratidão.

13. Muitos genitores imaturos, que transitam no corpo açulados pelo tormento dos prazeres incessantes, respondem pelo desequilíbrio e desajuste da prole, na desenfreada competição da moderna sociedade.

14. Há, no entanto, filhos que receberam dos pais as mais prolíferas demonstrações de sacrifício e carinho, aspirando a um clima de paz, de saúde moral, de equilíbrio doméstico, nutridos pelo amor sem fraude e pela abnegação sem fingimentos, e mesmo assim revelam-se frios, exigentes e ingratos.

15. Apesar disso, o lar – santuário dos pais, escola dos filhos, oficina de experiências – é a mola mestra que aciona a Humanidade, e a família, indiscutivelmente, o núcleo de maior importância no organismo social.

Crônicas e Artigos

Nº 386 – 26/10/2014

O Consolador – (Maria Ângela Miranda)

I. Piedade filial

**Qual o significado de “honrar pai e mãe”
para nós que somos filhos e pais nos dias atuais?**

A palavra grega para **honrar** significa reverenciar, estimar e valorizar. Honrar é dar respeito não apenas pelo mérito, mas pela posição. Allan Kardec, em **O Evangelho segundo o Espiritismo**, esclarece: **“O mandamento ‘Honrai vosso pai e vossa mãe’ é uma decorrência da lei geral da caridade e de amor ao próximo, pois não podemos amar ao nosso próximo sem amar nosso pai e nossa mãe.”**

Porém, a palavra **“honrar”** encerra um dever a mais para com eles: o da piedade filial. Deus quis mostrar que ao amor é preciso acrescentar o respeito, as atenções, a submissão e a concordância, o que resulta na obrigação de fazer aos pais, com maiores cuidados, tudo o que a caridade ordena que façamos para o próximo. Este dever se estende, naturalmente, às pessoas que assumem o compromisso de pais e que tão maior mérito terão quanto menos obrigatório for seu devotamento.

Deus sempre pune de maneira rigorosa toda violação a este mandamento. Honrar pai e mãe vai além do respeito e das atenções. Implica também assisti-los na necessidade e proporcionar-lhes o repouso na velhice. Isso ainda é mais verdadeiro quando faltam aos pais recursos próprios de sobrevivência. Não basta que os filhos deem a eles apenas o necessário para que não morram de fome enquanto não se privam de nada. Ou que os recolham a um quartinho modesto enquanto se reservam o que há de melhor e mais confortável.

E o que dizer daqueles que mesmo a assistência mínima dão de má vontade, como se fosse um fardo intolerável, esquecidos da solicitude que receberam desses mesmos pais na infância? Ou que sobrecarregam seus velhos com os trabalhos da casa e o cuidado dos netos? Não basta, pois, garantir aos pais pobres o estritamente necessário. É preciso que os filhos, tanto quanto possível, os cumulem com as doçuras do supérfluo, as amabilidades, os cuidados delicados, em retribuição ao que receberam desses mesmos pais na infância e na juventude. Trata-se do pagamento de uma dívida sagrada: **“a verdadeira piedade filial aceita por Deus.”**

Se analisarmos o comportamento da sociedade atual, verificaremos filhos ironizando pais, desrespeitando seus conselhos, duvidando de suas falas, com vergonha de suas origens, esquecidos do mandamento de Deus que nos exorta a honrar nossos pais. Jesus, o maior ser que já esteve entre nós, honrou seus pais e nem por isto deixou de cumprir sua missão que era revolucionária e que iniciaria para a humanidade uma nova era.

A pergunta que fica é a seguinte: como honrar nossos pais? Devemos fazê-lo com nossas ações e atitudes, honrar seus desejos, mesmo aqueles que não expressem verbalmente. O filho sábio ouve a correção de seus pais, o filho escarnekedor repele esta correção sem analisá-la.

O que devemos fazer se nossos pais nos pedem para fazer algo errado? Ou com o que não concordamos? Devemos sempre obedecer à Lei de Deus, analisarmos pelo crivo da razão, da Moral Maior, fazermos ao outro aquilo que gostaríamos que o outro nos fizesse. Colocarmo-nos na posição de pais e verificarmos como gostaríamos que nossos filhos se portassem diante de uma situação semelhante.

“Alguns pais, é bem verdade, descuidam-se dos seus deveres, e não são para seus filhos o que deveriam ser. Cabe a Deus puni-los e não aos filhos. Não cabe a estes censurá-los porque talvez eles mesmos merecessem que assim fosse. Se a lei da caridade estabelece pagar o mal com o bem, ser indulgente com as imperfeições dos outros, esquecer e perdoar as faltas, até mesmo amar aos nossos inimigos, quando maior é esta obrigação em relação aos pais.”

CAPÍTULO XIV – HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

Honra gera honra. Deus não vai honrar aqueles que não obedecem ao seu comando para honrar pai e mãe. Se desejamos agradar a Deus e ser abençoados, devemos honrar nossos pais. Honrar não é fácil, não é sempre divertido e, com certeza não, é possível apenas com nossas próprias forças.

Reflitamos: **“Honrai vosso pai e vossa mãe, a fim de viverdes por muito tempo na Terra que o Senhor vosso Deus vos dará.”**
(Decálogo; Êxodo, 20:12.)

2. Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?

5. E, tendo vindo para casa, reuniu-se aí tão grande multidão, que eles nem sequer podiam fazer sua refeição. Sabendo disso, vieram seus parentes para se apoderarem dele, pois diziam que perdera o espírito.

Entretanto, tendo vindo sua mãe e seus irmãos e conservando-se do lado de fora, mandaram chamá-lo. Ora, o povo se assentara em torno dele e lhe disseram: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te chamam.” — Ele lhes respondeu: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” — E, perpassando o olhar pelos que estavam assentados ao seu derredor, disse: “Eis aqui minha mãe e meus irmãos; pois, todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.”

(Marcos, 3:20, 21, 31 a 35; Mateus, 12:46 a 50.)

6. Singulares parecem algumas palavras de Jesus, por contrastarem com a sua bondade e a sua inalterável benevolência para com todos. Os incrédulos não deixaram de tirar daí uma arma, pretendendo que Ele se contradizia. Fato, porém, irrecusável é que sua doutrina tem por base principal, por pedra angular, a lei de amor e de caridade. Ora, não é possível que Ele destruísse de um lado o que do outro estabelecia, donde esta consequência rigorosa: se certas proposições suas se acham em contradição com aquele princípio básico, é que as palavras que se lhe atribuem foram ou mal reproduzidas, ou mal compreendidas, ou não são suas.

7. Causa admiração, e com fundamento, que, neste passo, mostrasse Jesus tanta indiferença para com seus parentes e, de certo modo, renegasse sua mãe.

Pelo que concerne a seus irmãos, sabe-se que não o estimavam. Espíritos pouco adiantados, não lhe compreendiam a missão: tinham por excêntrico o seu proceder e seus ensinamentos não os tocavam, tanto que nenhum deles o seguiu como discípulo. Dir-se-ia mesmo que partilhavam, até certo ponto, das prevenções de seus inimigos. O que é fato, em suma, é que o acolhiam mais como um estranho do que como um irmão, quando aparecia à família. João diz, positivamente (7:5), “que eles não lhe davam crédito”.

Quanto à sua mãe, ninguém ousaria contestar a ternura que lhe dedicava. Deve-se, entretanto, convir igualmente em que também ela não fazia ideia muito exata da missão do filho, pois não se vê que lhe tenha seguido os ensinamentos, nem dado testemunho dele, como fez João Batista. O que nela predominava era a solicitude maternal. Supor que Ele haja renegado sua mãe fora desconhecer-lhe o caráter. Semelhante ideia não poderia encontrar guarida naquele que disse: Honrai a vosso pai e a vossa mãe.

Necessário, pois, se faz procurar outro sentido para suas palavras, quase sempre envoltas no véu da forma alegórica.

Ele nenhuma ocasião desprezava de dar um ensino; aproveitou, portanto, a que se lhe deparou, com a chegada de sua família, para precisar a diferença que existe entre a parentela corporal e a parentela espiritual.

Estudo sistematizado do novo testamento

Nº 153 – 11/04/2010

O Consolador – (Thiago Bernardes)

II. Quem é minha mãe e

quem são meus irmãos?

O Evangelho segundo Mateus

“A boca fala do que está cheio o coração” - Na sua caminhada, Jesus ia transmitindo ensinamentos valiosos aos que o seguiam. Eis, de forma resumida, alguns deles: **“Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens.”** **“Pelo fruto se conhece a árvore.”**

“Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.” **“O homem bom tira boas coisas do seu bom tesouro, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más. Mas eu vos digo que de toda a palavra ociosa que os homens disserem não de dar conta no dia do juízo. Porque por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado.”**

(Mateus, 12:31 a 12:37.)

Os escribas pedem, e Jesus lhes dá um sinal – Então, alguns dos escribas e dos fariseus tomaram a palavra, dizendo: **“Mestre, quiséramos ver da tua parte (algum sinal).”** Jesus lhes respondeu: **“Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém não se lhe dará outro sinal senão o do profeta Jonas; pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra.”**

E acrescentou: **“Os ninivitas ressurgirão no juízo com esta geração, e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui quem é mais do que Jonas. A rainha do meio-dia se levantará no dia do juízo com esta geração, e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão.**

E eis que está aqui quem é mais do que Salomão.

E, quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra. Então diz: Voltarei para a minha casa, de onde saí. E, voltando, acha-a desocupada, varrida e adornada. Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali; e são os últimos atos desse homem piores do que os primeiros.” **“Assim acontecerá também a esta geração má”,** acrescentou Jesus.

(Mateus, 12:38 a 12:45.)

Jesus e sua verdadeira família – Jesus falava à multidão quando chegaram sua mãe e seus irmãos, que queriam falar-lhe. Alguém então lhe disse:

“Eis que estão ali fora tua mãe e teus irmãos, que querem falar-te.” Ele, porém, respondendo, disse ao que lhe falara:

“Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos?” E, estendendo sua mão para os seus discípulos, disse:

“Eis aqui minha mãe e meus irmãos; porque, qualquer que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe.”

(Mateus, 12:46 a 12:50.)

Jesus e as parábolas – Após narrar a parábola do semeador, Jesus explicou aos seus discípulos por que falava ao povo por parábolas: **“Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado; porque àquele que tem, se dará, se terá em abundância; mas àquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado.**

Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem nem compreendem. E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: (Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis, e, vendo, vereis, mas não perceberéis.)

CAPÍTULO XIV – HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviram de mau grado com seus ouvidos, e fecharam seus olhos; para que não vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e compreendam com o coração, e se convertam, e eu os cure. Mas, bem-aventurados os vossos olhos, porque veem, e os vossos ouvidos, porque ouvem. Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram.”

(Mateus, 13:10 a 13:17.)

O reino dos céus é como o fermento – Jesus propôs-lhes então outra parábola, dizendo: **“O reino dos céus é semelhante ao (grão de mostarda) que o homem, pegando nele, semeou no seu campo; o qual é, realmente, a mais pequena de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas, e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu e se aninham nos seus ramos.”**

E contou-lhes também esta outra: **“O reino dos céus é semelhante ao (fermento), que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado”**. Tudo isto disse Jesus por parábolas, e nada falava à multidão sem parábolas, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta, que disse:

“Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a fundação do mundo.”

(Mateus, 13:31 a 13:35.)

O reino dos céus é como uma pérola valiosa – Depois de explicar o sentido da parábola do joio do campo, Jesus contou-lhes estas outras parábolas: **“Também o reino dos céus é semelhante a um (tesouro escondido) num campo, que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem, e compra aquele campo.**

Outrossim, o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas (pérolas); e, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e comprou-a. Igualmente o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, e que apanha toda a qualidade de peixes. E, estando cheia, a puxam para a praia; e, assentando-se, apanham para os cestos os bons; os ruins, porém, lançam fora.”

Dito isto, acrescentou o Senhor: **“Assim será na consumação dos séculos; virão os anjos, e separarão os maus de entre os justos, e lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes.”**

(Mateus, 13:44 a 13:50.)

3. A parentela corporal e a parentela espiritual.

8. Os laços do sangue não criam forçosamente os liames entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porquanto o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai quem cria o Espírito de seu filho; ele mais não faz do que lhe fornecer o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.

Os que encarnam numa família, sobretudo como parentes próximos, são, as mais das vezes, Espíritos simpáticos, ligados por anteriores relações, que se expressam por uma afeição recíproca na vida terrena. Mas também pode acontecer sejam completamente estranhos uns aos outros esses Espíritos, afastados entre si por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem na Terra por um mútuo antagonismo, que aí lhes serve de provação. Não são os da consanguinidade os verdadeiros laços de família, e sim os da simpatia e da comunhão de ideias, os quais prendem os Espíritos antes, durante e depois de suas encarnações. Segue-se que dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito, do que se o fossem pelo sangue. Podem então atrair-se, buscar-se, sentir prazer quando juntos, ao passo que dois irmãos consanguíneos podem repelir-se, conforme se observa todos os dias: problema moral que só o Espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências.

(Cap. IV, item 13.)

Há, pois, duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais. Duráveis, as primeiras se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissolvem moralmente, já na existência atual. Foi o que Jesus quis tornar compreensível, dizendo de seus discípulos: Aqui estão minha mãe e meus irmãos, isto é, minha família pelos laços do Espírito, pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

A hostilidade que lhe moviam seus irmãos se acha claramente expressa em a narração de Marcos, que diz terem eles o propósito de se apoderarem do Mestre, sob o pretexto de que este perdera o espírito. Informado da chegada deles, conhecendo os sentimentos que nutriam a seu respeito, era natural que Jesus dissesse, referindo-se a seus discípulos, do ponto de vista espiritual: “Eis aqui meus verdadeiros irmãos.” Embora na companhia daqueles estivesse sua mãe, Ele generaliza o ensino que de maneira alguma implica haja pretendido declarar que sua mãe segundo o corpo nada lhe era como Espírito, que só indiferença lhe merecia. Provou suficientemente o contrário em várias outras circunstâncias.

Estudo sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 42 – 10/02/2008

O Consolador – (Thiago Bernardes)

III. A parentela corporal e

a parentela espiritual

Vida em família e laços de parentesco

A família é abençoada escola de educação moral

1. A vida familiar deve merecer a mais ampla atenção de todo homem integrado na unidade social denominada família. Esta palavra – família – pode ser compreendida num sentido mais restrito, em que se consideram apenas os familiares consanguíneos, como num sentido mais amplo, em que se levam em conta também os grupamentos de Espíritos afins, quer intelectualmente, quer moralmente.

2. A família é abençoada escola de educação moral e espiritual, oficina santificante onde se lapidam caracteres, laboratório superior em que se caldeiam sentimentos, estruturam-se aspirações, refinam-se ideias, transformam-se mazelas antigas em possibilidades preciosas para a elaboração de misteres edificantes.

3. A família é, pois, o mais prodigioso educandário do progresso humano. Sua importância não se mede apenas como uma fonte geratriz de seres racionais, mas como oficina de onde se projetam os homens de bem, os sábios, os benfeitores em geral.

4. A família é mais do que um resultante genético. São os ideais, os sonhos, os anelos, as lutas, as árduas tarefas, os sofrimentos e as aspirações, as tradições morais elevadas que se cimentam nos liames da concessão divina, no mesmo grupo doméstico onde medram as nobres expressões da elevação espiritual na Terra.

O corpo procede do corpo, mas a alma não procede da alma

5. Quando a família periclita, por essa ou aquela razão, sem dúvida a sociedade está a um passo do malogro. A vida em família, para que atinja suas finalidades maiores, deve ser vivenciada dentro dos padrões de moralidade, compreensão e solidariedade, porque sua finalidade precípua consiste em estreitar os laços sociais, ensejando-nos o melhor modo de aprendermos a amar-nos como irmãos. Por isso, a vida em família é, talvez, de todas as associações, a mais importante em virtude da sua função educadora e regenerativa.

6. Existem duas espécies de família e, em consequência, duas categorias de laços de parentesco: as que procedem da consanguinidade e as que procedem das ligações espirituais.

7. Os laços do sangue não criam forçosamente os liames entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porque este já existia antes da formação do corpo que o serve. Não é o pai que cria o Espírito de seu filho. Ele mais não faz do que lhe fornecer o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, porém, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.

8. Os que encarnam numa família, sobretudo como parentes próximos, são as mais das vezes Espíritos simpáticos, ligados por anteriores relações, que se expressam por uma afeição recíproca na vida terrena.

As famílias espirituais são duráveis e se perpetuam

9. Pode, contudo, acontecer sejam completamente estranhos uns aos outros os Espíritos que se encarnam numa mesma família, afastados entre si por antipatias igualmente anteriores que se traduzem, na vida terrena, por mútuo antagonismo, que lhes serve de provação.

CAPÍTULO XIV – HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

10. É fácil entender que não são os da consanguinidade os verdadeiros laços de família, mas sim os da simpatia e da comunhão de pensamentos, os quais prendem os Espíritos antes, durante e depois de suas encarnações.

11. As famílias unidas por laços espirituais são duráveis, fortalecem-se pela purificação dos Espíritos, e se perpetuam no mundo espiritual, através das várias migrações da alma.

12. As famílias unidas apenas por laços corporais são frágeis como a matéria, extinguem-se com o tempo e, muitas vezes, se dissolvem moralmente já na atual existência.

4. Instruções dos Espíritos 1. A ingratidão dos filhos e os laços de família

9. A ingratidão é um dos frutos mais diretos do egoísmo. Revolta sempre os corações honestos, mas a dos filhos para com os pais apresenta caráter ainda mais odioso. É, em particular, desse ponto de vista que a vamos considerar, para lhe analisar as causas e os efeitos. Também nesse caso, como em todos os outros, o Espiritismo projeta luz sobre um dos grandes problemas do coração humano.

Quando deixa a Terra, o Espírito leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza e se aperfeiçoa no Espaço, ou permanece estacionário, até que deseje receber a luz. Muitos, portanto, se vão cheios de ódios violentos e de insaciados desejos de vingança; a alguns dentre eles, porém, mais adiantados do que os outros, é dado entrevejam uma partícula da verdade; apreciam então as funestas consequências de suas paixões e são induzidos a tomar resoluções boas. Compreendem que, para chegarem a Deus, uma só é a senha: caridade. Ora, não há caridade sem esquecimento dos ultrajes e das injúrias; não há caridade sem perdão, nem com o coração tomado de ódio.

Então, mediante inaudito esforço, conseguem tais Espíritos observar os a quem eles odiaram na Terra. Ao vê-los, porém, a animosidade se lhes desperta no íntimo; revoltam-se à ideia de perdoar, e, ainda mais, à de abdicarem de si mesmos, sobretudo à de amarem os que lhes destruíram, quiçá, os haveres, a honra, a família. Entretanto, abalado fica o coração desses infelizes. Eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários.

Se predomina a boa resolução, oram a Deus, imploram aos bons Espíritos que lhes deem forças, no momento mais decisivo da prova.

Por fim, após anos de meditações e preces, o Espírito se aproveita de um corpo em preparo na família daquele a quem detestou, e pede aos Espíritos incumbidos de transmitir as ordens superiores permissão para ir preencher na Terra os destinos daquele corpo que acaba de formar-se.

Qual será o seu procedimento na família escolhida? Dependerá da sua maior ou menor persistência nas boas resoluções que tomou. O incessante contato com seres a quem odiou constitui prova terrível, sob a qual não raro sucumbe, se não tem ainda bastante forte a vontade. Assim, conforme prevaleça ou não a resolução boa, ele será o amigo ou inimigo daqueles entre os quais foi chamado a viver. É como se explicam esses ódios, essas repulsões instintivas que se notam da parte de certas crianças e que parecem injustificáveis. Nada, com efeito, naquela existência há podido provocar semelhante antipatia; para se lhe apreender a causa, necessário se torna volver o olhar ao passado.

Ó espíritas! Compreendei agora o grande papel da Humanidade; compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do Espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma; tal a missão que vos está confiada e cuja recompensa receberéis, se fielmente a cumprirdes. Os vossos cuidados e a educação que lhe dareis auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro. Lembrai-vos de que a cada pai e a cada mãe perguntará Deus: Que fizestes do filho confiado a vossa guarda? Se por culpa vossa ele se conservou atrasado, tereis como castigo vê-lo entre os Espíritos sofrendores, quando de vós dependia que fosse ditoso. Então, vós mesmos, assediados de remorsos, pedireis vos seja concedido reparar a vossa falta; solicitareis, para vós e para ele, outra encarnação em que o cerqueis de melhores cuidados e em que ele, cheio de reconhecimento, vos retribuirá com o seu amor.

Não escorraceis, pois, a criancinha que repele sua mãe, nem a que vos paga com a ingratidão; não foi o acaso que a fez assim e que vo-la deu.

Imperfeita intuição do passado se revela, do qual podeis deduzir que um ou outro já odiou muito, ou foi muito ofendido; que um ou outro veio para perdoar ou para expiar. Mães! Abraçai o filho que vos dá desgostos e dizei com vós mesmas: Um de nós dois é culpado. Fazei-vos merecedoras dos gozos divinos que Deus conjugou à maternidade, ensinando aos vossos filhos que eles estão na Terra para se aperfeiçoar, amar e bendizer. Mas, oh! Muitas dentre vós, em vez de eliminar por meio da educação os maus princípios inatos de existências anteriores, entretêm e desenvolvem

CAPÍTULO XIV – HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

esses princípios, por uma culposa fraqueza, ou por descuido, e, mais tarde, o vosso coração, ulcerado pela ingratidão dos vossos filhos, será para vós, já nesta vida, um começo de expiação.

A tarefa não é tão difícil quanto vos possa parecer. Não exige o saber do mundo. Podem desempenhá-la assim o ignorante como o sábio, e o Espiritismo lhe facilita o desempenho, dando a conhecer a causa das imperfeições da alma humana.

Desde pequenina, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz da sua existência anterior. A estudá-los devem os pais aplicar-se. Todos os males se originam do egoísmo e do orgulho. Espreitem, pois, os pais os menores indícios reveladores do germen de tais vícios e cuidem de combatê-los, sem esperar que lancem raízes profundas. Façam como o bom jardineiro, que corta os rebentos defeituosos à medida que os vê apontar na árvore. Se deixar se desenvolvam o egoísmo e o orgulho, não se espantem de serem mais tarde pagos com a ingratidão. Quando os pais hão feito tudo o que devem pelo adiantamento moral de seus filhos, se não alcançam êxito, não têm de que se inculpar a si mesmos e podem conservar tranqüila a consciência. À amargura muito natural que então lhes advém da improdutividade de seus esforços, Deus reserva grande e imensa consolação, na certeza de que se trata apenas de um retardamento, que concedido lhes será concluir noutra existência a obra agora começada e que um dia o filho ingrato os recompensará com seu amor.

(Cap. XIII, item 19.)

Deus não dá prova superior às forças daquele que a pede; só permite as que podem ser cumpridas. Se tal não sucede, não é que falte possibilidade: falta a vontade. Com efeito, quantos há que, em vez de resistirem aos maus pendores, se comprazem neles. A esses ficam reservados o pranto e os gemidos em existências posteriores. Admirai, no entanto, a bondade de Deus, que nunca fecha a porta ao arrependimento. Vem um dia em que ao culpado, cansado de sofrer, com o orgulho afinal abatido, Deus abre os braços para receber o filho pródigo que se lhe lança aos pés. As provas rudes, ouvi-me bem, são quase sempre indício de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do Espírito, quando aceitas com o pensamento em Deus. É um momento supremo, no qual, sobretudo, cumpre ao Espírito não falir murmurando, se não quiser perder o fruto de tais provas e ter de recommençar. Em vez de vos queixardes, agradecei a Deus o ensejo que vos proporciona de vencerdes, a fim de vos deferir o prêmio da vitória. Então, saindo do turbilhão do mundo terrestre, quando entrardes no mundo dos Espíritos, sereis aí aclamados como o soldado que sai triunfante da refrega.

De todas as provas, as mais duras são as que afetam o coração. Um, que suporta com coragem a miséria e as privações materiais, sucumbe ao peso das amarguras domésticas, pungido da ingratidão dos seus. Oh! Que pungente angústia essa! Mas, em tais circunstâncias, que mais pode, eficazmente, restabelecer a coragem moral do que o conhecimento das causas do mal e a certeza de que, se bem-haja prolongados despedaçamentos da alma, não há desesperos eternos, porque não é possível seja da vontade de Deus que a sua criatura sofra indefinidamente? Que de mais reconfortante, de mais animador do que a ideia que de cada um dos seus esforços é que depende abreviar o sofrimento, mediante a destruição, em si, das causas do mal? Para isso, porém, preciso se faz que o homem não retenha na Terra o olhar e só veja uma existência; que se eleve, a pairar no infinito do passado e do futuro. Então, a Justiça infinita de Deus se vos patenteia, e esperais com paciência, porque explicável se vos torna o que na Terra vos parecia verdadeiras monstruosidades. As feridas que aí se vos abrem, passais a considerá-las simples arranhaduras. Nesse golpe de vista lançado sobre o conjunto, os laços de família se vos apresentam sob seu aspecto real. Já não vedes, a ligar-lhes os membros, apenas os frágeis laços da matéria; vedes, sim, os laços duradouros do Espírito, que se perpetuam e consolidam com o depurarem-se, em vez de se quebrarem por efeito da reencarnação.

Formam famílias os Espíritos que a analogia dos gostos, a identidade do progresso moral e a afeição induzem a reunir-se. Esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrenas, se buscam, para se gruparem, como o fazem no Espaço, originando-se daí as famílias unidas e homogêneas.

Se, nas suas peregrinações, acontece ficarem temporariamente separados, mais tarde tornam a encontrar-se, venturosos pelos novos progressos que realizaram. Mas como não lhes cumpre

CAPÍTULO XIV – HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

trabalhar apenas para si, permite Deus que Espíritos menos adiantados encarnem entre eles, a fim de receberem conselhos e bons exemplos, a bem de seu progresso. Esses Espíritos se tornam, por vezes, causa de perturbação no meio daqueles outros, o que constitui para estes a prova e a tarefa a desempenhar.

Acolhei-os, portanto, como irmãos; auxiliai-os, e depois, no mundo dos Espíritos, a família se felicitará por haver salvo alguns náufragos que, a seu turno, poderão salvar outros.
(Santo Agostinho, Paris, 1862.)

Especial

Nº 93 – 08/02/2009

O Consolador – (Abel Sidney)

IV. Instruções dos Espíritos

I. A ingratidão dos filhos e os laços de família

Escola, pais e filhos; os desafios dos novos tempos

Devemos nos sentir alertas para as nossas responsabilidades diante dos filhos, para que estes, como nossas cartas vivas, possam dar um dia o melhor testemunho ao mundo do que puderam aprender conosco.

A desatenção dos pais em relação aos filhos, tem provocado problemas de toda ordem. Um desses problemas está na sobrecarga que as escolas sofrem por conta disso. A escola, na verdade, tem sido uma das instituições que mais tem sofrido com os desajustes da família. Todos os professores têm algumas histórias **nada edificantes** para contar sobre este tema. A gravidade do assunto é preocupação de Juan Carlos Tedesco, educador argentino. Ele dedicou parte de sua obra **“O Novo Pacto Educativo”** ao que denominou de **“déficit de socialização dos alunos.”** Em outras palavras, a família, primeira instituição socializadora, não está cumprindo o seu papel, que é o de fazer as crianças assimilarem as regras e valores básicos necessários à convivência social. Resumindo, elas não têm aprendido a **“se comportar”**, a ter **“bons hábitos”**, a **“respeitar o direito dos irmãos e colegas”** etc.

Conheçamos em breves linhas as ideias deste autor, em sua entrevista concedida à revista Nova Escola:

“Nas últimas décadas, no mundo todo, a família vem perdendo sua capacidade de oferecer essa socialização primária, em muitos casos pela ausência da figura paterna; ou porque a imagem paterna muda duas ou três vezes ao longo da infância. Além disso, a criança hoje se incorpora cada vez mais cedo a instituições diferentes da família, como pré-escolas e creches ou mesmo alguém que cuida dela para que a mãe trabalhe. Esses adultos são menos importantes que os pais, do ponto de vista afetivo. Por isso, (a primeira socialização está se realizando sem tanta carga afetiva, como no passado. Não se pode simplesmente transmitir conhecimentos se a socialização primária, embutida de valores e afetos importantes, não está completa. Isso tem reflexos no desempenho dos professores e no próprio desenho da instituição escolar).”

O papel dos pais é o de educar os filhos, Espíritos que retornam para mais uma experiência na carne.

A **nova escola** que surge a partir de então passa a incorporar também o papel da família, cabendo à escola, que ele denominou de **total**, inclusive, **“a tarefa de formação da personalidade.”**

Diante deste grave quadro, envolvendo duas instituições fundamentais na formação de nossas crianças – a família e a escola –, que reflexões o legado da Doutrina Espírita nos pode proporcionar? O que nos dizem os Espíritos a este respeito?

Em resumo, nós e nossos filhos **somos Espíritos**. Vivemos tantas existências quantas sejam necessárias à nossa elevação intelecto moral. O papel dos pais, neste processo, é o de educar os filhos, Espíritos que retornam para mais uma experiência na carne. Nem sempre o que parece evidente, no entanto, se traduz em ações reais em nossa vida cotidiana. Por isso, a tarefa de educar os filhos, própria da família, dos pais, **mesmo entre pais espíritas**, tem sido relegada a segundo plano, transferida para a escola e os professores.

Para melhor nos situarmos, recorramos, pois, ao:

Evangelho segundo o Espiritismo, no capítulo XIV, item 9, mensagem intitulada:

A ingratidão dos filhos e os laços de família

CAPÍTULO XIV – HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

(Kardec, 1996, p. 239), na qual **Santo Agostinho** nos alerta:

“Quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma; tal a missão que vos está confiada e cuja recompensa recebereis, se fielmente a cumprirdes. Os vossos (cuidados e a educação) que lhe dareis auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro.”

Os Espíritos dos pais têm por missão desenvolver os de seus filhos pela educação: essa é a sua tarefa.

É responsabilidade clara dos pais estes **cuidados** que envolvem a segurança, a alimentação, a proteção, enfim, da criança, e a **educação** que, conforme Kardec, deve prestar-se à formação de caracteres.

O Livro dos Espíritos, na questão 208, também elucida esta questão. Kardec pergunta aos Espíritos sobre a influência dos pais sobre os filhos, após o nascimento destes.

Depois de destacar que **“grande influência exercem”**, é dito que **“os Espíritos dos pais têm por missão desenvolver os de seus filhos pela educação. Constitui-lhes isso uma tarefa.”** A resposta é finalizada com uma grave advertência:

“Tornar-se-ão culpados, se vierem a falir no seu desempenho.”

Vamos expor agora em tópicos outros elementos que demonstram a complexidade deste problema:

Os pais desejam educar da melhor forma os seus filhos. Os pais espíritas, aqueles que buscam a orientação da Doutrina Espírita para as suas vidas, têm consciência do seu papel e se esforçam para exercê-lo bem, no mais das vezes;

No entanto, não basta desejar, é **necessário** que se crie condições reais para que isto aconteça. Isto é, o tempo e o espaço da convivência familiar devem estar plenamente preenchidos com este objetivo.

Em outras palavras, o nosso **lar**, no pouco tempo que nos sobra para **estarmos juntos**, deve transformar-se em **verdadeira escola da alma**. É no espaço de convivência familiar que vai se forjar a citada **“socialização primária”**, com seus valores, regras e a necessária **carga afetiva**, muito importante para a capacidade de aprendizado das crianças.

É necessário e urgente voltarmos para casa; não à-toa campanhas em prol da família se sucedem em nosso meio.

Os pais desejam encaminhar os seus filhos profissionalmente. E aqui está um dos grandes problemas do nosso tempo: a excessiva atenção aos aspectos meramente cognitivos da aprendizagem dos filhos, como se apenas o desenvolvimento da inteligência os preparasse para a conquista do **“futuro emprego”** ou do **“status social”** com que sonhamos para ele.

Daí a desmesurada atenção às ditas escolas **boas e fortes**, em que eles deverão se tornar **competitivos** no mercado de trabalho um dia... Curiosamente, o próprio mercado de trabalho trata de nos livrar destas ilusões ao apontar outros fatores determinantes no perfil de um bom profissional: **um bom quociente emocional** que, evidentemente, não nasce apenas dos exercícios do raciocínio e da memória; não se aprende, enfim, nos bancos escolares, mas principalmente nas esferas de relações familiares, onde se inclui a convivência entre pais e filhos.

Diante deste quadro, devemos nos sentir alertas para as nossas responsabilidades diante dos filhos, para que estes, como nossas **cartas vivas**, possam dar um dia o melhor testemunho ao mundo do que puderam aprender conosco.

CAPÍTULO XIV – HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

Por isso, é sempre necessário e urgente **voltarmos para casa**. Não à-toa as campanhas em prol da família se sucedem no movimento espírita e em outras religiões. **“Família, aperte este laço”** foi o mote da campanha promovida pela USE alguns anos atrás, com o seu convite direto e sugestivo.

Laços afetivos apertados, convivência reforçada, problemas com possibilidades de serem solucionados.

Diante do tempo sempre escasso para uma “vida em família”, segundo os moldes antigos, a **qualidade do tempo** que dedicarmos aos nossos é que poderá marcá-los definitivamente.

Para tanto é preciso redefinir nossa escala de valores e responder à simples, porém difícil questão: **“o que tem sido mais importante em nossas vidas?”**

Crônicas e Artigos

Nº 469 – 12/06/2016

O Consolador – (Wellington Balbo)

V. Instruções dos Espíritos

I. A ingratidão dos filhos e os laços de família

Ingratidão dos filhos. Como superar?

Dia desses recebi e-mail de uma mãe alegando sofrer demais com a ingratidão do filho. Estava ela numa cadeira de rodas, com o pé quebrado, e o rapaz, forte e saudável, recusou-se a ajudá-la.

Naturalmente que, como mãe e ser humano que é, ficou chateada a indagar:

Que fiz eu, meu Deus, para merecer filho tão ingrato, que em nada ajuda a mãe, mesmo quando ela necessita?

Santo Agostinho, em **O Evangelho segundo o Espiritismo**, dá-nos sábias lições em mensagem intitulada -

A ingratidão dos filhos e os laços de família.

Diz-nos o Espírito de Agostinho que Deus não faz provas superiores às nossas forças, e que podemos vencer o complicado desafio da ingratidão dos filhos.

Indica deixarmos de olhar apenas o presente e voltarmos os olhos ao passado para, com a ideia das múltiplas existências, encontrarmos um consolo e forças para prosseguir.

Pois bem, não é tarefa fácil deixar de esperar reconhecimento, ainda mais de alguém tão ligado a nós pelos laços do coração e do sangue, como os filhos.

O próprio Agostinho reconhece como são complicados os assuntos pertinentes ao coração. Muito mais difícil enfrentar a ingratidão do que a mesa escassa.

Seria mesmo grande ingenuidade considerar que não brotará um mínimo de decepção no indivíduo que recebe a indiferença, quando não a aversão de alguém tão querido.

Entretanto, vale lembrar que estamos no Planeta Terra, orbe de provas e expiações, e, portanto, o impossível é Deus errar. Logo, ingratidão, venha de quem vier é sempre algo possível e até comum de acontecer.

Aliás, eis a vida mostrando isto em todos os instantes.

O grande ponto é aprendermos a lidar com ela, a ingratidão, principalmente dos mais caros a nós. Ou, melhor, iniciarmos o processo de não esperar nada, absolutamente nada de quem quer que seja.

Como fazer isto?

É um trabalho íntimo que requer muito esforço, porém, é possível realizá-lo.

Evoluir de tal modo que nosso agir seja sempre no bem, independentemente do que outras pessoas irão, pensar ou falar, até porque isto não nos diz respeito.

Treinar o desapego do reconhecimento, pois será isto que nos dará a independência do **“Obrigado.”**

E buscar modificar a visão de caridade.

A caridade que praticamos, o amor que doamos, as provas de **renúncia e abnegação**, o suor que vertemos em benefício alheio, em realidade, ajuda muito mais a nós do que ao outro, pois somos sempre os primeiros beneficiados pela caridade praticada.

É como consta em **O Evangelho segundo o Espiritismo**, na mensagem de **Lázaro** denominada **“O dever.”** O dever, em primeiro lugar, é para comigo, depois com o outro. Ora, se o dever é para comigo, então, vou estender minha mão ao outro, pois será assim que trabalharei pela minha própria evolução.

Quem acende em si a luz da caridade ilumina quem está ao redor e jamais ficará imerso nas trevas.

Portanto, agradecer é dever de quem recebe, mas nem todos cumprem o dever.

CAPÍTULO XIV – HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

Entretanto, não esperar gratidão, reconhecimento ou mesmo um mero obrigado é o antídoto para livrar-se da decepção.

Tornar a prática do bem um hábito, de tal modo que dia chegará em que agiremos no bem sem perceber, e de forma tão espontânea que agradeceremos quando recebermos e não cobraremos quando beneficiarmos.

Assim, livres de nos sentirmos vítimas da ingratidão alheia, seguiremos nosso caminho sempre fazendo o bem, não por recompensa, mas porque é um hábito que adquirimos com muito treino e vontade de gozar um pouco de liberdade que só o bem nos concede.

Pensemos nisto.